

PESQUISAS DE GÊNERO: ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO

Eleonora Menicucci de Oliveira¹

Muito se tem escrito sobre a saúde reprodutiva das mulheres; no entanto, muito pouco sobre o impacto nas pesquisas do uso da categoria de gênero. É com essa abordagem que Lucila Scavone e Luís Eduardo Batista organizaram o número da *Revista Temas*, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UNESP/Araraquara, que trata da relação entre dois campos do conhecimento - a sociologia e a saúde - em suas múltiplas articulações com a família, com o trabalho e com a reprodução, e, como escreve Scavone, "... tendo como substrato a questão das relações de sexo/gênero na sociedade".

A coletânea foi dividida em duas partes: a primeira com textos que abordam a temática dos espaços privado e público da saúde reprodutiva, e a segunda, com textos que fazem a articulação entre saúde e trabalho nos espaços privado e público. Reflete a coletânea todo um trabalho de décadas do GT Gênero, Saúde e Família do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, o que, se por um lado permite que a reflexão teórica de pesquisadores/as juniores dialogue com os mais diferentes leitores/as, por outro, apresenta uma descontinuidade de conteúdo entre os textos, à medida que temos pesquisadores/as seniors de grande experiência.

A contribuição para o campo da sociologia da saúde, à luz das relações sexo/gênero que os textos trazem, destaca-se sobremaneira na construção metodológica das pesquisas de gênero, uma área ainda pouco explorada. As reflexões trazidas pelas autoras e autores têm como ponto de partida pesquisas empíricas de dissertações de mestrado e de teses de doutorado, como pesquisas bilaterais entre Brasil e França, focalizando três das questões que

¹ Professora Livre-Docente em Sociologia na UNIFESP.

sempre estiveram presentes na agenda do feminismo brasileiro: a violência sexual, a saúde sob a ótica dos direitos reprodutivos e o trabalho.

Com o risco de cometer alguma impropriedade reflexiva, diante da tarefa de elaborar uma resenha da coletânea "Pesquisas de Gênero: entre o público e o privado", destaco três artigos que, a meu ver, são os responsáveis pelo tom teórico/acadêmico da coletânea.

Annie Thébaud- Mony, com uma clareza exemplar, aborda o impacto da chamada "reestruturação produtiva" nas condições de vida e saúde dos e das trabalhadoras. A autora usa como ponto de partida para suas reflexões os conceitos-chaves para se entender o processo ora em curso das políticas neoliberais que são: globalização, competitividade, flexibilidade e produtividade, que, segundo a autora, mascaram a realidade concreta da organização social do trabalho em todos os países do mundo, sobretudo a relação perversa de poder entre norte e sul. O ponto alto de seu texto é quando focaliza os efeitos à saúde em três tipos: os diretos ligados aos riscos físicos e químicos; aqueles ligados à hiper-solicitação dos homens e das mulheres no trabalho, e os decorrentes das agressões à dignidade do(a) trabalhador(a) e à sua auto-estima.

Destaco a visibilidade dos efeitos decorrentes da hiper-solicitação e da agressão à dignidade, que colocam à luz toda a vivência do sofrimento mental, da humilhação, do assédio sexual e moral que os(as) trabalhadores(as) vêm experimentando no cotidiano do trabalho e não são reconhecidos como tal, banalizando-se assim todo um sofrimento subjetivo e objetivo, o que Dejours chamou de "banalização da injustiça social".

Lucila Scavone e Gisele Côrtes abordam a questão do aborto sob a ótica de um processo que vai do subjetivo ao social. Suas reflexões estão ancoradas em uma pesquisa interdisciplinar e multi-institucional intitulada "A mulher e o aborto: da decisão à prática". É uma pesquisa rigorosa, profunda, com narrativas de mulheres que fizeram o aborto em diferentes condições, mas com uma marca

que as identifica: a marca da clandestinidade e todo o sofrimento decorrente. São poucas as pesquisas dessa natureza no Brasil, o que configura ao texto uma importância teórica e metodológica bastante significativa. Quero destacar o aspecto da pesquisa que se apóia nas relações sociais de sexo/gênero, isto é, as conseqüências à vida afetiva e social da realização de um aborto clandestino recaem, na maioria das vezes, sobre as mulheres.

A trajetória das mulheres é muito solitária e é aqui que se pode concluir que o aborto se naturaliza, já que acontece no corpo das mulheres e, assim, existe uma prática social de desresponsabilização.

Simone Novaes, em seu texto "A Sociologia e o Individual", busca um diálogo com os clássicos da sociologia, como Durkheim e Weber, para discutir a dimensão individual e coletiva dos fenômenos ligados à saúde reprodutiva das mulheres, a partir do objeto de sua tese de doutorado a respeito do movimento para o aborto livre, processo que a fez enfrentar os problemas que o relato de experiências pessoais trazem para análise sociológica. É nesse sentido que a autora traz para o campo da sociologia da saúde a articulação necessária entre o individual e o social, compreendido nas pesquisas como uma análise que considere o indivíduo como sujeito de uma experiência singular, ao mesmo tempo pessoal e social, evidenciando o campo relacional imprimido pelo uso das relações de gênero.

Os textos de Luís Eduardo Batista, "Alguns aspectos das políticas de saúde da mulher no Brasil- o PAISM: um estudo de caso", de Margareth Santini de Almeida, "Gestantes adolescentes em serviço de saúde", de Maria Silvia de Moraes, "Cesariana no Município de São José do rio Preto", e de José Anselmo Nunes Brasil, "Métodos anticoncepcionais para ginecologistas e obstetras", abordam o campo da saúde da mulher na perspectiva das relações de gênero, trazendo para discussão temas da contemporaneidade, e apontam, todos eles, para uma inequívoca desigualdade social, tanto na implementação das políticas públicas nessa área, quanto na explicitação da violência de gênero. São textos

que, a meu ver, se tornam leitura obrigatória para as e os pesquisadoras(es) da área.

Wilza Rocha Pereira trabalha o processo de medicalização do corpo feminino a partir do lugar da Enfermagem, que tem como objeto de estudo o cuidar do(a) outro(a), com uma crítica consistente e lúcida sobre o processo de medicalização, que têm o corpo das mulheres como *locus* privilegiado, buscando a reconstrução da des-medicalização. Outro tema abordado também na perspectiva de gênero, é "A violência sexual: as representações de gênero no discurso dos jornais *Notícias Populares* e *Folha de São Paulo*", por Andréa de Souza T. Silva, que elabora uma discussão tendo como ponto de partida as notícias veiculadas pelos referidos jornais sobre o caso do "maníaco do parque" apontado para a ambigüidade dos discursos da mídia, ao tratarem as mulheres ora como vítimas inocentes, ora como "mulheres fáceis", reforçando as interpretações focalizadas na moral sexual judaico-cristã.

E, finalmente, temos o prazer da leitura de textos que buscam a articulação entre os espaços públicos e privados da saúde e trabalho. O texto de Vanessa Figueiredo discute o tema do sofrimento mental no trabalho e sua sexualização em uma fábrica metalúrgica; Regina Helena Oliveira Martins trabalha a organização intradoméstica da família de imigrantes italianos de 1890 a 1920; e Cláudia Megale Adametes busca pensar as representações sociais de uma catadora de lixo no recorte de gênero. Esse conjunto de textos contribui e fortalece uma área de estudos e pesquisas ainda pouco "reconhecida" nas ciências sociais e na saúde, que até então tem centrado as pesquisas em um sujeito universal, o trabalhador masculino; e, por outro lado, também reforça a necessária interdisciplinaridade para a compreensão e a interpretação da organização social do trabalho e do(s) diferente mundo(s) do trabalho à luz das relações de gênero.

São textos que contribuem sobremaneira para a consolidação do campo teórico de gênero, articulando saúde, trabalho e direitos reprodutivos com uma metodologia qualitativa, o que dá importância à coletânea.

Eleonora Menicucci de Oliveira

O diálogo que essa resenha fez com as autoras e autores do livro deu-se em dois sentidos: de um mesmo patamar teórico e com base nas pesquisas empíricas que sustentaram todos os textos, cada um por si trazendo uma contribuição específica ao campo em questão.

Lucila Scavone e Luís Eduardo Batista (orgs.). Pesquisas de gênero: entre o público e o privado. Coleção *Temas*, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Laboratório Editorial/Editora Cultura Acadêmica, FCL/UNESP.